



ESTADO DE SERGIPE  
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA  
**COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO**  
**RECORTE DE JORNAIS**

O presidente interino do Sindicato dos Médicos do Estado de Sergipe (Sindimed), José Menezes, alerta às autoridades e à sociedade sergipana para a possibilidade de uma reação em cadeia a partir dos pedidos de demissão de três cirurgiões pediatras do Hospital Governador João Alves Filho (HGJAF) na última terça-feira, 14. Segundo ele, o problema é que não só esta categoria passa por grandes dificuldades para exercer a sua profissão, devido à falta de estrutura daquela Casa de Saúde. Razões que podem culminar com muitos pedidos de demissão.

A afirmação de Menezes ganha força no momento em que, por falta de cirurgiões pediátricos, havendo agora apenas dois, os quais também estão em período de aviso prévio, profissionais de outras especialidades cirúrgicas deverão realizar também as cirurgias pediátricas, criando uma sobrecarga para esses médicos e a preocupação de estarem atuando em uma área que não é totalmente de sua especialidade.

“Corre-se o risco de haver uma contaminação com o pedido de saída desses especialistas do hospital. Se houver uma reação em cadeia, como é que vai ficar o serviço? Outros cirurgiões podem sim realizar operações em crianças, isso sempre foi feito, mas eu gostaria de saber se Dr. Wagner (diretor operacional da Fundação Hospitalar de Saúde) colocaria o filho dele de 15 dias de nascido para ser operado por um cirurgião geral, ou se o governador Jackson Barreto, se tivesse um filho, também o faria. É uma saída que pode ser colocada, mas que representa riscos não só a vida de pacientes, como as carreiras dos cirurgiões gerais. Para um hospital que é referência em um Estado, isso é inadmissível que venha acontecer. Os próprios

cirurgiões gerais vão terminar se negando a fazer isso”, afirmou.

• **Vexame**

Segundo o sindicalista, tal situação é de causar vergonha devido à importância do HGJAF para todo o Estado de Sergipe. “Acabado o período de aviso prévio dos dois profissionais restantes, a saúde pública de Sergipe ficará sem nenhum cirurgião pediátrico. É uma situação vexatória, que não pode continuar desta forma, pois teremos com isso muitas mortes que poderiam ser evitadas se nós tivémos os cirurgiões de plantão. Uma saída tem que ser encontrada. Se o Estado não conseguir, quer dizer que pode declarar falência do Estado, e o Governo Federal vai ter que intervir”, declarou.

Ele ressalta que a Fundação Hospitalar de Saúde (FHS) pode alegar qualquer coisa, menos que não sabia que os médicos iriam pedir demissão. “A nova direção da Fundação foi alertada por esse grupo de médicos desde setembro, inclusive o médico que nos fez queixa ontem, disse que o próprio diretor presidente da Fundação garantiu a ele que iria fazer as devidas correções. Acontece que já se passaram quatro meses e nada foi feito. É altamente estressante um profissional, em um serviço altamente delicado, trabalhar sem as devidas condições. Se tudo correr bem para o paciente, os familiares até agradecem, agora se o paciente morrer, a família é a primeira a querer processar o médico, nunca ao Estado ou aos seus gestores. A Fundação não foi pega de surpresa, pois até os últimos dois pediatras estão completando o aviso prévio, e a FHS não faz nada para mantê-los na atividade”, disse Menezes.

• **Muito cacique**

De acordo com o presidente inte-

rino do Sindimed, o HGJAF conta com uma equipe gigante de coordenadores, mas que não estão tendo a capacidade de dirigir o hospital de forma eficiente. “Do que adianta termos 56 coordenadores no HGJAF, termos vários diretores, vários consultores, vários assessores, se não temos sequer um cirurgião de plantão? O governo precisa rever o SUS como um todo. Ele não está funcionando como deveria, e muito dinheiro está sendo gasto. Há debates o tempo todo em uma mesa de discussão permanente, ou seja, ela não irá acabar, e aí é que está o problema. O governo não está nem um pouco preocupado com os servidores, tanto que no ano passado ele os ignorou completamente”, acrescentou.

• **Pediatria**

A presidente da Sociedade de Pediatria de Sergipe, a médica Glória Tereza, declarou que a saúde no Estado está sendo tratada com um completo descaso, não perdoando sequer o público infantil. “Os profissionais conviviam com muitos problemas no hospital, e por muito tempo pediram soluções para melhorar o trabalho, mas os gestores nunca atenderam as demandas, culminando com a saída deles. O problema é que não é só no que se diz respeito à cirurgia pediátrica, o próprio coordenador da cirurgia geral, Dr. Ivan Paixão, está indo constantemente à imprensa demonstrar os problemas que vêm acontecendo. A questão é que só temos promessas dos gestores e parece que o coberto é curto, quando cobre de um lado e descobre do outro”, disse ela.

A pediatra falou até da dificuldade em ter uma sala de cirurgia disponível. “O HGJAF possui nove salas e três delas são utilizadas para armazenar mate-

rial ou para colocar pacientes em recuperação pós-anestésica, e esse não é o objetivo, era para todas estarem funcionando plenamente. Às vezes um cirurgião pediátrico está com uma cirurgia programada para uma criança e tem que ceder a sala porque o pronto-socorro tem prioridade. A criança é obrigada a ficar mais seis horas em jejum para ser operada no outro dia. É um descaso muito grande. O gestor pode justificar que um cirurgião geral pode resolver, só que ele pode atuar somente em alguns casos, e o pior é que eles também já estão sobrecarregados”, afirmou.

#### • Desperdício de mão de obra

Segundo Glória Tereza, deixando tais demissões acontecer, o governo está jogando fora uma mão de obra qualificada e que está se tornando rara a cada ano, já que a cirurgia pediátrica é uma das áreas com menor oferta no país. “Um cirurgião pediátrico leva em média nove anos para se formar, e mais cinco anos para adquirir uma boa experiência. É só promessa, e nada é feito, me parece até que a verba destinada ao Hospital do Câncer já retornou para Brasília, porque não havia o projeto. Então, a ideia que fica é que saúde não é mesmo a prioridade”, deduz.

A médica disse que há a possibilidade de os profissionais retornarem ao HGJAF, porém ela é mínima. “Os profissionais estão completamente descrentes com o governo, é uma gestão que não tem atitude e vive de promessas. Eu não sei se eles voltariam a trabalhar para o governo, se retornarem é porque têm compromisso com os pacientes, pois Sergipe é um Estado pequeno e como o número de cirurgões pediátricos é mínimo, alguém tem

que dar essa assistência. Só que o profissional não pode trabalhar colocando em risco o seu próprio nome profissional”, declara.

#### • MPE e a justiça

Em novembro de 2012, o Ministério Público Estadual (MPE) fez o pedido de intervenção do Estado no HGJAF, o qual faria com que o hospital voltasse a ser dirigido pela Secretaria de Estado da Saúde, saindo das mãos da Fundação Hospitalar de Saúde, porém o Tribunal de Justiça não teria acatado o pedido. No fim do ano passado, o Ministério Público entrou com o pedido de Intervenção Federal.

Segundo Glória Tereza, o judiciário sergipano tem que começar a pensar no povo, e não aceitar tudo que o governo alega. “Os desembargadores têm que explicar porque ações que podem resolver o problema não prosperam. Não há como ter uma solução se o Judiciário não deixa a intervenção acontecer. São pilhas e pilhas de denúncias e esse pedido não prospera. São recursos públicos que estão sendo mal geridos, mal aplicados ou desviados”, alerta a presidente da Sociedade de Pediatria de Sergipe.

#### • FHS

Para o diretor operacional da Fundação, Wagner Andrade, o que surpreendeu, segundo ele, foi o imediatismo na decisão dos médicos, pois a categoria estaria em processo de negociação com a FHS. “Havia uma intenção do Grupo que se reuniu comigo em dezembro, para solicitar algumas medidas, as quais eles não quiseram pactuar naquele momento, pois gostariam que o quorum fosse maior. Então ficaram para remarcar uma nova reunião agora em janeiro. Foi isso que eu não entendi, de pedir

a demissão sem concluir as negociações. Até então eles só haviam levantado alguns pontos, mas precisava de todo o grupo para explicar o que eles queriam”, declarou.

Ele disse que a FHS nunca se negou a negociar com a categoria. “Para se ter uma ideia, no ano passado a própria secretária executiva do Sindicato, a Dra. Glória, esteve presente nas reuniões que discutiram a crise da Neonatologia. Foram várias as reuniões, e após negociações chegamos a um ponto em comum”, acrescentou.

Andrade ressaltou que, para atender a população de forma eficiente, o HGJAF precisaria de 14 cirurgões, só que no Estado só existem 12. “Então há uma carência que não daria para compor as escalas de todos os hospitais. Isso se agrava com o pedido de demissão, porque haverá uma carência de cirurgia em todas as áreas. Existem cirurgias específicas em crianças que não precisam ser feitas por cirurgões pediátricos, como a cardíaca, a torácica, ortopédica, que são feitas por outros especialistas. Além disso, por enquanto os que ainda estão em aviso prévio estão trabalhando. Então temos ainda um tempo para sentar e ouvir reivindicações e tentar resolver da melhor forma possível. Eu tranquilizo a população, pois a Fundação está trabalhando e esperamos dar esse problema por encerrado da forma mais rápida possível”, concluiu.

Hoje, 16, às 10h, acontecerá no Ministério Público Estadual uma audiência extraordinária para discutir a problemática. Se não houver solução durante a reunião, a promotoria da Saúde, através da promotora Euza Missano deverá reiterar o pedido de intervenção federal na Saúde do Estado.